



Bater ou não bater nas crianças? Análise a partir dos Provérbios bíblicos

To beat or not to beat the children? Analysis from the bible Proverbs

Valmor da Silva*

Resumo

O artigo propõe uma análise crítica sobre o significado da recomendação do uso da vara na educação das crianças, em cinco ditos do livro bíblico de Provérbios (Pr 13,24; 22,15; 23,13.14; 29,15). O objetivo é analisar, com auxílio da exegese, os provérbios em seu contexto literário, histórico e cultural; e interpretá-los hermeneuticamente para a realidade atual, com a proibição de bater em crianças. Com os pressupostos do método da exegese histórico-crítica, faz-se a análise do primeiro dito, que afirma textualmente: “Quem poupa a vara odeia seu filho, mas quem o ama aplica a disciplina” (Pr 13,24). Segundo esse modelo de análise, são comentados os outros quatro provérbios. A recomendação do uso da vara, na Bíblia, visa a disciplina, para formar pessoas justas, conforme o projeto sapiencial, ilustrado no contexto literário de Pr 13, que fazia parte da metodologia comum ao Antigo Oriente Médio, como ilustram diversas citações paralelas. Entretanto, esse método disciplinar passou por aplicações mais rigoristas ao longo da história, para ser radicalmente revisto na moderna pedagogia. Conclui-se que a interpretação dessa prática antiga, para o mundo atual, exige hermenêutica apropriada, com a devida aplicação, conforme outras instruções recomendadas pela Bíblia, tais como apedrejar criminosos, não tocar cadáver e praticar a poligamia.

Palavras-chave: Crianças. Educação. Vara. Provérbio (dito). Provérbios (livro).

Abstract

The article proposes a critical analysis on the meaning of the recommendation of the use of the rod in the education of the children, in five sayings of the biblical book of Proverbs (Prov 13:24; 22:15; 23:13.14; 29:15). The objective is to analyze, with the aid of exegesis, the proverbs, in their literary, historical and cultural context; and to interpret them hermeneutically for the current reality, with the prohibition of beating children. With the assumptions of the method of historical-critical exegesis, the analysis of the first saying is made, which affirms verbatim: “Who holds back his rod hates his son, but who loves him seeks him with discipline” (Prov 13:24). According to this analysis model, the other four are commented. The recommendation of the use of the rod, in the Bible, aims at discipline, to form righteous people, according to the wisdom project, illustrated in the literary context of Prov 13, which was part of the methodology common to the Ancient Near East, as illustrated by several parallel citations. However, this disciplinary method has undergone more rigorous applications throughout history, to be radically revised in modern pedagogy. It is concluded that the interpretation of this ancient practice, for the present world, requires appropriate hermeneutics, with proper application, according to other instructions recommended by the Bible, such as stoning criminals, not touching a corpse, and practicing polygamy.

Keywords: Children. Education. Stick. Proverb (saying). Proverbs (Book of).

Artigo submetido em 12 de janeiro de 2019 e aprovado em 3 de março de 2020.

* Doutor em Ciências da Religião pela UMESp. Professor Titular da PUC Goiás. País de origem: Brasil. E-mail: lesil@terra.com.br

Introdução

A educação das crianças constitui um dos maiores desafios de todos os tempos. Como educar para a liberdade com responsabilidade? Como encontrar o equilíbrio entre a rigidez e a flexibilidade? Como aplicar a disciplina sem cometer exageros?

Recentemente, no Brasil, o debate se intensificou devido à aprovação da chamada “Lei da Palmada”, de 2014, que proíbe qualquer tipo de castigo físico na educação de jovens e adolescentes. A lei se fundamenta nas modernas teorias psicológicas e segue o exemplo de várias outras nações da atualidade. Interrompe, igualmente, uma prática histórica antiga, habitual em diversos ambientes culturais.

Entre esses ambientes culturais, que admitiam o castigo físico, como forma de educar, está o Antigo Oriente Médio. Nesse contexto, precisamente, nasceu a Bíblia Sagrada, que admite o uso da vara na educação dos filhos, em vista de uma rígida disciplina pedagógica. Cinco ditos do livro bíblico de Provérbios, explicitamente, citam a vara como instrumento de disciplina para a educação das crianças. Como entender essas recomendações, no texto bíblico de Provérbios, e no contexto cultural em que foram escritos? Essa é a primeira pergunta que este artigo pretende responder. Ela se situa no âmbito da exegese. A segunda pergunta a ser respondida diz respeito à hermenêutica. Como interpretar esses provérbios para os dias de hoje, na educação de jovens e crianças?

O olhar hermenêutico, especialmente, possibilita a compreensão do texto no seu contexto original e a sua aplicação para a realidade atual, sem fazer transposição literal direta. Consideradas as distâncias culturais, de ambiente geográfico e de época histórica, o texto bíblico é interpretado num horizonte hermenêutico que possibilite a ponte entre ambas as realidades, considerando as suas diferenças, sem perder a sua essência. Esse esforço interpretativo exige critérios para a aplicação de determinados textos para a vida concreta das pessoas,

das famílias e das comunidades. Essa ponte hermenêutica entre o ontem da Bíblia e o hoje da nossa realidade é necessária, para evitar interpretações anacrônicas e concordistas.¹ Com esse olhar hermenêutico, procede-se à análise de cinco provérbios bem antigos, de diferentes coleções encontradas no livro de Provérbios, que contêm a palavra “vara”: Pr 13,24; 22,15; 23,13.14; 29,15.²

1 “Quem poupa a vara odeia seu filho” (Pr 13,24)

A análise dos cinco provérbios pressupõe a leitura dos textos da *Bíblia Hebraica Stuttgartensia* (KITTEL, 1997)³. Essa análise apresenta os resultados dessa exegese pelo método histórico-crítico, com apoio de alguns comentários específicos ao livro de Provérbios. Em vista de um público mais amplo, os termos hebraicos são transliterados com caracteres latinos. A tradução é própria, apegada ao texto original, o mais literal possível. No que se refere à pontuação e à discussão do vocabulário, é cotejada com a tradução brasileira da *Bíblia de Jerusalém* (2002).⁴

O primeiro dos provérbios que contém a palavra “vara” tem uma análise mais detalhada, para servir como referência para a leitura dos demais. A orientação exegética básica é a do método exegético histórico crítico, aplicado à leitura de textos bíblicos. O primeiro provérbio apresenta-se com a seguinte tradução e explicação.

¹ Um debate sobre o mesmo tema, com enfoque na realidade atual, foi apresentado no 12º Colóquio Interdisciplinar sobre Provérbios 2018 (Colóquio paremiologia), em Tavira, Portugal, e deverá ser publicado nos Anais do referido Colóquio.

² A palavra “vara” (*šébet*) é usada oito vezes em Provérbios (Pr 10,13; 13,24; 22,8.15; 23,13.14; 26,3; 29,15). Além das cinco vezes em que é recomendada para crianças, nas outras três ela serve para bater nos insensatos que semeiam injustiças (Pr 10,13; 22,8; 26,3). (ZOBEL, 2004, p. 303).

³ Existe uma edição hebraica, do livro de Provérbios, mais recente (WAARD, 2008), da série conhecida como *Quinta Editione* (quinta edição), com notas e comentários ao aparato crítico do texto hebraico, que reproduz, basicamente, o mesmo Códice L (*Leningradensis*). Com relação aos cinco provérbios analisados neste artigo, não há variantes textuais que alterem o texto hebraico original.

⁴ Este estudo tem como ponto de inspiração a dissertação de Mestrado de Sandro Pontes Silva, sob minha orientação (SILVA, 2013).

*Quem poupa⁵ a vara⁶ odeia⁷ seu filho,
mas quem o ama aplica⁸ a disciplina⁹ (Pr 13,24).*

1.1 Composição literária

O dito contém as características típicas de um provérbio popular: através da metáfora da vara¹⁰; transmite a sabedoria condensada da educação dos filhos, de forma lapidar e concisa, com um paralelismo literário expresso em duas sentenças. A forma poética do provérbio, naturalmente, só pode ser sentida na sua formulação original, como nos ditados de qualquer língua. “A concisão, ritmo e pungência do dístico se perdem na tradução”. (FOX, 2009, p. 571).

O primeiro hemistíquio contém quatro palavras, no original, o segundo três, portanto com um ritmo quaternário e ternário. A assonância se baseia sobre a rima interna do som -ô, correspondente ao sufixo hebraico de terceira pessoa singular masculina. (ALONSO SCHÖKEL; VÍLCHEZ LÍNDEZ, 1984, p. 309).

Mais especificamente: “O dístico sobeja em sibilantes, e a primeira linha tem uma rima interna complexa - /ô/-/ē/-/ô/ - /ô/-/ē/-/ô/: (a) ḥoŠEK šibTO šoNE^eNO, (b) w^eohăBO šihăRO muSAR”. (FOX, 2009, p. 571).

⁵ “Quem poupa”, em hebraico ḥošek, da raiz ḥšk, com significado: reter, negar, poupar; cessar. No particípio devia ser traduzido como “poupador”. Para o significado dos termos hebraicos, segue-se normalmente o *Dicionário* de Kirst *et al* (1989).

⁶ “Vara”, em hebraico šebet, significa: 1) vara; cajado; bordão, bastão; cetro. 2) tribo. “Uma vara não é uma chibata flexível, mas um bastão rígido que pode até ser usado como arma (2 Sm 23,21)” (FOX, 2009, p. 571). Para um panorama amplo sobre o significado da vara, ao longo da história, veja Torres (2012, p. 32-35). Para os significados da vara na Bíblia, com os respectivos exemplos, confira Waltke (1998, p. 1511-1512).

⁷ “Odeia” da raiz šn’, qal, particípio, com o sentido de odiar, ser incapaz de tolerar, desprezar.

⁸ “Aplica” conforme tradução da *Bíblia de Jerusalém* (2002). Šiharô (busca-o), piel, pf, verbo šhr II, tencionar, buscar (KIRST *et al*, 1989, p. 248). Alonso Schökel (2004, p. 666) interpreta como verbo da mesma raiz šhr, mas com sentido de madrugar; procurar com prontidão, com solicitude. Daí sua tradução, “Quem o ama o corrige cedo” (*Bíblia do Peregrino*, 2002), com explicação de rodapé: “Cedo”: enquanto é maleável”.

⁹ “Disciplina”, em hebraico mûsar, significa: castigo, correção; disciplina, educação; advertência, admoestação, exortação. Mûsar provém da raiz ysr, com o significado básico de “castigar”, daí o sentido fundamental do substantivo como “castigo” ou “correção”. Porém mûsar designa não a atividade da correção, mas sim a sua consequência, que é a educação (SAEBO, 1978, col. 1016-1018). Mûsar ocorre 30 vezes no livro de Provérbios (Pr 1,2.3.7.8; 3,11; 4,1.13; 5,12.23; 6,23; 7,22; 8,10.33; 10,17; 12,1; 13,1.18.24; 15,5.10.32.33; 16,22; 19,20.27; 22,15; 23,12.13.23; 24,32). “O principal objetivo da disciplina deve ser instruir ou ensinar nossas crianças como ser sábias, justas e honestas – não puni-las” (HESKETT, 2001, p. 182).

¹⁰ Sobre o sentido metafórico, simbólico ou real da “vara” há diversas discussões. Na verdade, se trata de um instrumento concreto para disciplinar as crianças, daí servir às vezes como sinônimo de “disciplina”.

A estrutura literária do provérbio forma um quiasmo, no qual “vara” se opõe a “disciplina”, no centro, e “odeia” se opõe a “ama”, nos extremos. Com o paralelismo da poesia hebraica, a rimar o pensamento, ambas as sentenças querem afirmar a mesma realidade, expressa de maneira antitética, opondo uma afirmação à outra, para reforçar o mesmo pensamento.¹¹

1.2 Provérbio simbólico de constatação

Os provérbios se expressam em duas formas literárias básicas, que refletem a natureza do ensinamento, de constatação ou de ordem. (CRB, 1993, p. 20-21).

O dito em análise é um provérbio de constatação, porque relata a realidade, define e informa, assim como ocorre com a maioria desses provérbios sobre castigo físico. Já os provérbios de ordem se expressam em imperativo, com o objetivo de formar, como no exemplo: “Disciplina o teu filho e ele te fará descansar, e ele dará delícias para a tua vida”. (Pr 29,17).

Pode-se perguntar se a constatação que o provérbio apresenta seria uma ilustração, através do simbolismo da vara, ou uma definição moral? O estilo poético sapiencial não propõe, exatamente, um comportamento moral, mas sim exemplifica as consequências de um ou de outro comportamento. (PERRY, 1993, p. 108, nota 2).

Caso fosse tomada literalmente a aplicação da vara, devia ser justificado, na mesma lógica, o ódio ao filho, como alternativa única em oposição ao amor paterno. Estaria justificada, igualmente, a isenção da filha, visto que o dito se refere ao masculino, “filho”.

¹¹ Williams (1981, p. 100, nota 20) observa a construção quiástica: “poupando - odiando, amando - impondo disciplina”. De acordo com Perry (1993, p. 108) “parece que estamos lidando aqui com um caso do que é afetivamente conhecido como ‘paralelismo antitético,’ como exemplificado pela clara oposição ‘odeia seu filho’ e ‘ama seu filho.’”. Com o princípio do ‘paralelismo semântico’ que reforça a sinonímia das duas metades do verso, ‘poupa a vara’ e ‘disciplina’ expressam a mesma ideia de correção, mas eles são opostos: castigo físico (vara) e castigo verbal (disciplina). A leitura das duas metades do verso deve ir do pior para o melhor.

1.3 Paradoxo entre amar e odiar

O provérbio comporta um paradoxo entre amor e ódio de pai e mãe, assim expresso: “uma severidade induzida pelo amor, uma leniência motivada pelo ódio” (FOX, 2009, p. 570). Qual pai ou qual mãe odeia o filho? Para além da força da expressão hebraica contida no verbo “odiar”, o provérbio expressa o sentimento de pais, por eventuais maus comportamentos de filhos, em consequência de uma educação descuidada. O pai não odeia o filho literalmente, mas a própria atitude paterna relapsa, com relação à criança pequena, pode gerar um adulto perverso, e essa lassidão equivale ao que o dito chama de ódio.

A antítese entre amor e ódio é comum nos Provérbios, como aliás em outros livros bíblicos. Constitui uma espécie de clichê amar-odiar. Nesse sentido, reflete o caráter paradoxal da própria vivência humana, com suas contradições e falhas. Não raro, a antítese amor e ódio é associada a outras antíteses, como vida e morte (Pr 8,35-36), sabedoria e insensatez (Pr 9,8; 12,1), conhecimento e ingenuidade (Pr 1,22), querelas e superação das ofensas (Pr 10,12), pobreza e riqueza (Pr 14,20; 15,17), amigo e inimigo (Pr 27,6). O provérbio em análise (Pr 13,24), portanto, situa-se nesta antítese paradoxal comum. Quer afirmar a responsabilidade do pai, na educação do filho, com tamanho amor que, em caso de falha, se expressa em forma de ódio.¹²

Êxodo Rabá (§ 1)¹³ explica que o ódio não é causa, mas consequência do relaxo paterno, e o expressa da seguinte maneira: “Quanto a quem detém punições de seu filho, (seu filho) desenvolverá um mau caráter, e (seu pai) o odiará”. (FOX, 2009, p. 571).

¹² Sobre paradoxo em Provérbios, confira Williams (1981, p. 43-46); Moss (2015, p. 57-59); Snell (1993, p. 121); Silva (2018, p. 17-42).

¹³ Êxodo Rabá é um comentário ao Êxodo (*midrash*), de épocas e estilos diferentes, dos séculos XI e XII (KETTERER; REMAUD, 1996, p. 119-121).

1.4 Projeto pedagógico do provérbio no contexto de Provérbios 13

A análise do contexto literário, detalhada para este provérbio, pode servir como exemplo para os outros quatro, apresentados em seguida, mas não estruturados da mesma forma, por motivos óbvios de extensão do artigo. Os elementos em destaque, entretanto, são similares, tais como o contexto sapiencial, o contraste entre sábio e insensato, o objetivo da educação para formar pessoas justas e o projeto sapiencial de vida plena e feliz.

Passamos a uma análise do provérbio no contexto de todo o capítulo, para perceber o seu sentido dentro de um projeto pedagógico maior, proposto pela tradição sapiencial. A tradução é propositalmente literal, com atenção ao sentido original do texto hebraico. A disposição e os sinais gráficos diferenciados realçam os elementos a serem comentados em seguida.¹⁴

13

¹O FILHO **SÁBIO** ESCUTA A *DISCIPLINA* DO PAI
E O ZOMBADOR NÃO ESCUTA A REPRIMENDA.

²Do fruto da boca o ser humano *se nutre do bem*,
e a **vida** dos traidores, de violência.

³Quem *vigia a própria boca guarda* a sua **vida**,
Quem escancara os lábios, se perde!

⁴Espera e não há para sua **vida** o preguiçoso;
a **vida** dos *diligentes* é saciada.

⁵A palavra mentirosa odeia o **justo**,
e o ímpio desonra e difama.

⁶A **justiça** *guarda a integridade do caminho*,
mas a maldade transtorna o pecador.

⁷Há o que finge ser rico e não tem nada,
e o que **se faz pobre** e tem grandes bens.

⁸O resgate da **vida** de um ser humano é sua **riqueza**;
e o pobre não ouve a reprimenda.

⁹A luz dos **justos** é alegre,
e a lâmpada dos ímpios se extingue.

¹⁰SÓ DISCÓRDIA CAUSA A INSOLÊNCIA;
E AOS QUE SE DEIXAM ACONSELHAR, A **SABEDORIA**.

¹¹Fortuna apressada diminui,

¹⁴ **Negrito** é o grifo para o termo vida (v. 2.3.4.4.8.12.14.19). **Negrito e itálico**, para os termos referentes ao projeto de vida, como sabedoria, justiça e correlatos. *Itálico*, para a palavra disciplina (v. 1.18.24) e seus correlatos como aconselhar, vigiar e guardar. CAIXA ALTA, para os versículos-chave do capítulo, que expõem a tese da sabedoria que conduz à vida através da disciplina (v. 1.10.14.20.24). Sublinhado, ao contrário, está para as referências negativas à insensatez, maldade, impiedade e similares. Duplo sublinhado e espaçamento, para a palavra morte, em sua única ocorrência (v. 14). Sublinhado e pontilhado, para o versículo que sintetiza o comportamento segundo o projeto de sabedoria ou o projeto de insensatez (v. 16) e que pode ocupar lugar central no esquema literário do capítulo.

e quem *ajunta pouco a pouco* se enriquece.

¹²A esperança que tarda deixa doente o coração;
é árvore de **vida** o desejo que se realiza.

¹³Quem despreza a palavra perder-se-á,
quem *respeita o mandamento* **será salvo**.

¹⁴O ENSINAMENTO DO **SÁBIO** É FONTE DE **VIDA**
PARA AFASTAR OS LAÇOS DA M O R T E.

¹⁵Um grande **bom senso** alcança favor,
o caminho dos traidores é duro.

¹⁶~~Todo homem sagaz~~ age com conhecimento,
o insensato prope la sua estultícia.

¹⁷O mensageiro malvado cai na desgraça,
e o mensageiro (embaixador) de **fidelidades** traz a **cura**.

¹⁸Miséria e ignomínia para quem abandona a disciplina,
e é **honrado** quem **observa a repreensão**.

¹⁹Desejo satisfeito, doçura para a **vida**,
e abominação para os insensatos afastar-se do mal.

²⁰QUEM CAMINHA COM OS **SÁBIOS TORNA-SE SÁBIO**,
MAS COMPANHEIRO DE INSENSATOS TORNA-SE MAU.

²¹Aos pecadores persegue a desgraça;
e aos **justos**, a paz e o bem.

²²**Boa pessoa** deixa herança aos filhos dos filhos,
e reservada ao **justo** a posse do pecado.

²³Muito alimento, a lavoura do **pobre**,
mas pode ser perdido em não (= por falta de) **direito**.

²⁴QUEM POUPA A VARA ODEIA SEU FILHO,
MAS QUEM O AMA APLICA A DISCIPLINA.

²⁵O **justo** come e se **farta**,
e o ventre dos ímpios passa fome.]

Nesse capítulo, à primeira vista, os ditos parecem suceder-se sem ordem lógica e sem projeto claro. A constatação vale, em geral, para o livro de Provérbios, no qual nem sempre é fácil encontrar organização e estrutura evidentes.

Entretanto, há uma proposta muito clara que perpassa todo o capítulo, na sequência do anterior, e que percorre, como um fio condutor, todo o livro de Provérbios. Trata-se da sabedoria que leva à prática da justiça, por um lado, e a tolice que conduz à injustiça, por outro. Em torno a esse conflito temático, se articula o vocabulário do capítulo, e se evidencia a compreensão do versículo em análise. O penúltimo versículo (v. 24) do capítulo (Pr 13) torna-se um exemplo concreto que ilustra a tese que perpassa o conjunto. Os diversos paradoxos, já apresentados anteriormente, ilustram os detalhes de dois projetos alternativos. “A

contraposição entre o sábio justo e o ímpio estulto prossegue também neste capítulo.” (PERDUE, 2011, p. 195).¹⁵

No conjunto deste capítulo 13, o v. 14 pode ser lido como a proposta central, espécie de tese em torno à qual os demais ditos desenvolvem a argumentação. O ensinamento (*torah*) do sábio é fonte de vida (v. 14) contra o projeto do ímpio estulto que apresenta laços de morte. Dois projetos se opõem, portanto, de sabedoria contra o de insensatez, de sucesso contra o do fracasso, de vida contra o da morte.

A palavra morte só ocorre neste v. 14, mas a realidade que ela contém se traduz em diversas expressões sinônimas, repetidas em cada um dos versículos: zombaria (v. 1), violência (v. 2), perdição (v. 3), preguiça (v. 4), mentira e impiedade (v. 5), maldade e pecado (v. 6), falsa riqueza (v. 7), surdez à reprimenda (v. 8), impiedade (v. 9), discórdia (v. 10), fortuna apressada (v. 11), doença (v. 12), perdição por desprezo à palavra (v. 13), traição (v. 15), insensatez e estultícia (v. 16), malvadez e desgraça (v. 17), insensatez e maldade (v. 18), abandono da disciplina (v. 19), insensatez e maldade (v. 20), pecado e desgraça (v. 21), pecado (v. 22), falta de direito (v. 23), impiedade (v. 25). Nessa lógica, pode ser lido o versículo em estudo (v. 24), com relação à indisciplina do filho como ódio ao projeto dos ímpios.

Enquanto “morte” só é citada uma vez, a palavra vida (*nepheš*), pelo contrário, é a mais repetida no capítulo, com oito ocorrências (v. 2.3.4.4.8.12.14.19).¹⁶ Nessa dinâmica existencial de vida plena, deve ser lida a proposta de disciplina para o filho. E a *torah* do sábio, isto é, o seu ensinamento, é fonte de vida, em oposição paradoxal com a orientação do estulto que contém laços de morte (v. 14).

¹⁵ O autor citado (PERDUE, 2011, p. 195-196) faz a leitura sequencial de todo o capítulo, contrapondo o projeto do sábio ao projeto do ímpio. Aqui se propõe uma análise dos pontos mais salientes dos dois projetos em conflito.

¹⁶ Vale observar que o termo vida (em hebraico *nepheš*) significa garganta; respiração; fôlego; pessoa; vida, e, por influência da filosofia helenista, passou a designar também “alma”, abrindo espaço para uma leitura dualista entre corpo e alma. Neste capítulo 13, ainda a maioria das versões conserva a tradução “alma” para alguns versículos, especialmente para o 13,19, onde “doçura para a vida” torna-se “doçura para a alma”.

Para além das oito citações explícitas, a vida também possui expressões sinônimas, para corroborar o projeto pedagógico da sabedoria. Esse projeto é conduzido pela disciplina (v. 1.18.24) e pelo conselho (v. 10). É o projeto do bem (v. 2.22), da diligência (v. 4), do caminho íntegro (v. 6), da pobreza autêntica (v. 7.8.11.23), da alegria (v. 9), da realização (v. 12), da salvação (v. 13), do bom senso (v. 15), da sagacidade (v. 16), da fidelidade e saúde (v. 17), da honra (v. 18), da doçura (v. 19), de paz e bem (v. 21), do amor (v. 24) e da fartura (v. 25).

Dentre as várias conexões temáticas possíveis, pode ser destacada, para o escopo deste estudo, a proposta de justiça que acompanha a sabedoria, com sete ocorrências no capítulo, da raiz relacionada a justo e justiça *šdq* (v. 5.6.9.21.22.25) ou a direito *mišpat* (v. 23). A sabedoria propõe formar pessoas justas, isto é, de acordo com o modelo divino de justiça e equidade.¹⁷

Nesse projeto de sabedoria se insere o dístico analisado (v. 24). Ele forma inclusão com o v. 1 “O filho sábio escuta a disciplina do pai” (v. 1a), para ilustrar o processo educativo da sabedoria, que começa na infância, em oposição ao estulto zombador que não escuta. Enquanto o primeiro propõe escutar a disciplina do pai, o último (v. 24), acentua o amor da disciplina paterna.

A sabedoria retorna como conselheira (v. 10), em contraste com a discórdia e insolência dos ímpios tolos. A sabedoria é também companheira de caminhada, em contradição ao mau caminho da insensatez (v. 20). A sabedoria é fonte de vida, como prevenção contra a morte (v. 14) como bem destacado no início da leitura deste capítulo. A síntese dos dois projetos define o comportamento da pessoa sagaz contra aquela insensata (v. 16). A mesma dupla proposta se apresenta com a metáfora dos dois caminhos, como alternativa do sábio que caminha com o sábio (v. 20) em contraposição ao mau que caminha com o insensato.

Nessa dinâmica de oposição contrastante e paradoxo conflitivo é que pode ser feita a leitura do pai sábio que disciplina o filho porque o ama (v. 24), ao contrário do ímpio tolo que poupa a vara. Lido assim, no conjunto do capítulo, o v.

¹⁷ Sobre justiça e direito no livro de Provérbios, veja Silva (2018, p. 75-101).

24 se destaca como um exemplo concreto do projeto de família que educa para a sabedoria e a justiça.

Ao aproximar a lente da visão do dito sobre a disciplina do filho (v. 24) pode-se destacar uma subunidade no final do capítulo. Waltke (2004) identifica, nesses dísticos finais, uma subunidade que ele intitula: “O futuro abençoado do filho sábio versus o fim funesto dos tolos (13,20-25)” (WALTKE, 2004, p. 570). E nos últimos quatro dísticos, ele apresenta uma estrutura em paralelismo antitético, como segue:

A	a	Uma herança material (v. 22)
	b	Fome por causa da maldade (v. 23)
A'	a'	Uma herança moral (v. 24)
	b'	Fome dos maus (v. 25)

Essa estrutura final associa os conceitos de pessoa de bem, que age com justiça, edifica família com lavoura farta, e educa os filhos no caminho de sabedoria. Pela via oposta, no caminho da insensatez, associam-se os conceitos de pessoa pecadora, que age com injustiça, e termina na miséria, devido à educação relapsa. A ideologia que motiva essa dinâmica é a chamada teologia da retribuição, segundo a qual as pessoas boas são premiadas com as bênçãos de Deus, enquanto as más recebem a paga de acordo com suas ações. Conforme o exemplo dessa ação de Deus, assim devem seguir os pais, na educação dos filhos, “Pois ao que ama o Senhor repreende, e como pai ao filho que preza”. (Pr 3,12).

1.5 Paralelos do Antigo Oriente Médio

O projeto pedagógico de sabedoria que pressupõe a disciplina como princípio educativo é comum às culturas vizinhas ao antigo Israel. Pais e educadores podiam apelar para a disciplina rígida, que incluía bater com vara, como prática reconhecida.

Waltke (2004, p. 574, nota 116) apresenta alguns paralelos egípcios que transcrevemos a seguir:¹⁸

- a) No Egito a palavra para “educar” é acompanhada com um determinativo de um homem segurando uma vara.
- b) No Papiro Lansing, um manuscrito escolar do Novo Império (1554-1080 a.C.), o estudante diz ao seu professor: “Eu cresci quando criança por estar ao seu lado; você me bateu nas minhas costas, e foi assim que o seu ensino entrou no meu coração”.
- c) No Papiro Anastasi III, o pupilo adverte: “O ouvido de um menino está em suas costas, ele ouve o seu batedor”.
- d) Ahiqar (ca. 700 a.C.), que oficiou no tribunal assírio cerca de 700 a.C., afirma: “Não poupes teu filho da vara, senão não o salvarás [da maldade]. Se eu te ferir, meu filho, tu não morrerás, mas se eu te deixar ao teu próprio coração [não viverás]”.

1.6 Aplicações no Novo Testamento

Como observa Kidner (1982), no Novo Testamento, as recomendações de Pr 3,11-12 são citadas literalmente em Hb 12,5-6, como justificativa para os sofrimentos da vida, interpretados à luz dessa disciplina pedagógica, à imitação da pedagogia paterna de Deus (KIDNER, 1982, p. 101). Ef 6,4 também recomenda a disciplina, mas adverte os pais contra os excessos. Após a recomendação de obediência dos filhos dirige-se aos pais e afirma textualmente: “E vós, pais, não deis a vossos filhos motivo de revolta contra vós, mas criai-os na disciplina e correção do Senhor”.

¹⁸ Na referida nota o autor cita as fontes dessas referências. Citadas também em Whybray (1972, p. 80).

1.7 Nos comentários patrísticos

Os Padres da Igreja seguem a prática da interpretação alegórica. No caso, o método da disciplina proposta pelos provérbios, é aplicado diretamente à vida da comunidade.

No capítulo 13, este versículo é, com o v. 8, o mais frequentemente citado pelos Padres, notadamente a propósito da correção fraterna na comunidade monástica (Basílio, *Grande Règle* 7; *Petite Règle* 4; 159; 183, em PG 31, 929A; 1084C-1085A; 1185C; 1205A). Mas a *Didascalie des apôtres* faz dele uma leitura espiritual, vendo na ‘vara’ do provérbio, a Palavra de Deus, Jesus Cristo, que deve ser ensinado com toda a força a suas crianças (§ 22, F. Nau [éd.], p. 146-147). (D’HAMONVILLE, 2000, p. 239).

As Constituições Apostólicas, com base em Eclo 30,11.12, tecem várias considerações no sentido de aplicar punições rígidas aos filhos.

Não temais reprovar os vossos filhos e ensinar a eles a sabedoria com severidade. De fato, as vossas correções não os matarão, mas antes os preservarão. Portanto, quem descuida de admoestar e instruir o seu filho, odeia o seu filho (*apud* WRIGHT, 2007, p. 140).

E Ambrósio confirma, no mesmo tom.

A correção do pai que não poupa a vara é útil, enquanto torna a alma do seu filho obediente aos preceitos da salvação. Ele pune com uma vara, como lemos: “Punirei com a vara o seu pecado” (*apud* WRIGHT, 2007, p. 141).

1.8 Na atualidade

O provérbio foi adaptado na Idade Média, em língua inglesa, e se impôs como prática secular, embora seu sentido se desvie bastante do sentido original do dito bíblico. *Spare the rod and spoil the child* (Poupe a vara e estrague a criança) é um provérbio corrente em inglês, que tenta captar o ritmo e o sentido do original bíblico. Ele tem um paralelo no Brasil: “Criança mimada, criança estragada”.

O adágio como tal não ocorre na Bíblia, mas foi uma criação histórica. “Em 1377, William Langland em *Piers Plowman* (B. v. 41) verteu o bíblico “odiar” em “estragar”. E essa versão entrou na linguagem corrente. Poupar a vara e odiar a

criança são caminhos paradoxais e memoráveis de afirmar os efeitos da indiferença parental para com seus filhos” (CLIFFORD, 1999, p. 140). O dito foi retomado posteriormente e, dessa forma, se immortalizou. “Esta máxima vem de um poema escrito por Samuel Butler em 1664”. (WEGNER, 2005, p. 719, nota 23).

No Brasil, só recentemente se busca recuperar o sentido original da disciplina, sem o uso de castigos físicos. A chamada “Lei da Palmada” veta bater nas crianças, em qualquer hipótese (*Lei da Palmada*, Lei 13.010/2014, Art. 18-A).

2 Vara de disciplina fará fugir da insensatez (Pr 22,15)

Sem a possibilidade da análise detalhada do provérbio anterior (Pr 13,24), mas seguindo o mesmo contexto sapiencial, passa-se ao comentário sobre o segundo provérbio bíblico que recomenda, de maneira mais original, a “vara da disciplina” (Pr 22,15). Esse é o penúltimo provérbio da coleção salomônica (Pr 10,1-22,16), ou seja, praticamente fecha a coleção. O último vai mencionar o domínio de Deus sobre ricos e pobres.

A unidade de Pr 22,1-16 faz diversas prevenções sobre os perigos que rondam o jovem, com predomínio de um conceito negativo. Previne sobre a formação inicial do jovem (v. 6), sobre a propensão à preguiça (v. 13), sobre luxúria com mulheres estrangeiras (v. 14) e sobre a avidez da riqueza (v. 16). O versículo em questão sintetiza a prevenção geral contra essas tendências à depravação. Ele conecta a insensatez ao coração, isto é, ao centro das decisões da pessoa. (WALTKE, 2005, p. 215-216).

*Insensatez¹⁹ está ligada em coração de criança,
vara de disciplina²⁰ a fará fugir dela (Pr 22,15).*

¹⁹ Insensatez (*'iwelet*) corresponde à característica do tolo louco (*'ewil*). É um dos três sinônimos que Provérbios usa para insensato, ao lado de tolo estúpido (*k^esil*) e tolo insensato (*nabal*) (KIDNER, 1982, p. 38-40).

²⁰ Waltke (2005, p. 196, nota 32): “Genitivo de efeito (isto é, a vara que traz disciplina)”. Segundo Zobel (2004, p. 304-305): “A vara era um instrumento popular para educação, punição e disciplina. Era a vara da disciplina do pedagogo (Pr 10,13; 13,24; 22,15; 23,13-14; 26,3; 29,15; cf. também Ez 21,15.18[10,13]) e pode ser explicitamente designada ‘vara da disciplina’ (Pr 22,15) e ‘vara dos homens’ (2Sm 7,14)”.

O dístico expressa uma ideia comum no livro todo de Provérbios, bem como na literatura sapiencial em geral, de que a criança nasce com tendência para o mal. Reafirma-se que a insensatez não se separa da pessoa (Pr 27,22). Embora o Sirácida reconheça que a sabedoria foi criada no seio materno (Eclo 1,14), o Salmista atesta que “minha mãe me concebeu no pecado” (Sl 51,7). No contexto do sacrifício de Noé, após o dilúvio, o Senhor declara: “Eu não amaldiçoarei nunca mais a terra por causa do homem, porque os desígnios do coração do homem são maus desde a sua infância” (Gn 8,21). Esse conceito justifica, portanto, o uso da disciplina rígida, como forma de ensinar a criança. “O otimismo corrige o pessimismo: o jovem é néscio, sim, porém é corrigível” (ALONSO SCHÖKEL; VÍLCHEZ LÍNDEZ, 1984, p. 422). Essa visão chega a ser chamada “doutrina da ‘insensatez original’”. (WHYBRAY, 1972, p. 125).

O provérbio também prima pelo rigor poético, formulado em paralelismo progressivo sintético. A forma literária, portanto, acompanha o conteúdo expresso, a saber, a passagem progressiva da insensatez, expressa no primeiro hemistíquio, para a superação desse limite através da disciplina, descrita como libertação da tolice, no segundo hemistíquio.

3 Disciplina e vara para salvar a vida (Pr 23,13.14)

Os dois dísticos, em sequência, formam uma unidade e iniciam a série com conselhos sobre educação. O versículo anterior (v. 12) se dirigia ao próprio jovem, com a chamada para aplicar o coração e o ouvido ao conhecimento. Nestes versos, ao contrário, o educador é o sujeito dos quatro verbos. Insiste na firmeza do responsável, contra os males que podem advir de uma educação relapsa. Ben Sira amplia a discussão (Eclo 30,1-13). Outro texto bíblico vai mais longe e chega a recomendar o apedrejamento do filho rebelde (Dt 21,18-21). (ALONSO SCHÖKEL; VÍLCHEZ LÍNDEZ, 1984, p. 430).

*Não reterás de uma criança a disciplina!
Pois se tu a punires com a vara não morrerá²¹ (Pr 23,13).*

*Tu com a vara a fustigarás,
e a vida dela do Šeol²² tu salvarás (Pr 23,14).*

Os dois dísticos formam uma unidade, com estrutura própria e sequencial. As duas afirmações sobre o uso da vara são repetidas no centro, o que estabelece a ligação entre ambos. A segunda sentença do primeiro dístico está em paralelo sinonímico com a segunda, através das afirmações “não morrerá” e “a vida salvarás”. (MORLA ASENSIO, 2011, p. 176).

Disciplina é a motivação inicial (v. 13a) em conexão com o anterior, no qual disciplina está associada a conhecimento (v. 12). Logo, a vara ilustra o método para disciplinar a criança. No jogo com a simbologia da morte, outro provérbio recomenda corrigir o filho, mas não até matá-lo (Pr 19,18). Outro ainda, admite que os vergões purificam do mal. (Pr 20,30).

Em relação à morte, bem como ao uso da vara, deve ser destacado o caráter humorístico dos ditos. A vara não causa morte, conforme o primeiro dístico, mas livra do abismo, conforme o segundo. “O humor e o jogo de palavras mostram que o verso não pode ser usado como justificativa para o castigo corporal. O verso imediatamente próximo, de fato, está cheio de afeição pela criança”. (CLIFFORD, 1999, p. 212).

Com relação aos excessos que a lei mosaica parece admitir para a correção do comportamento do filho rebelde e indócil, os rabinos afirmam que se trata mais propriamente de uma advertência que uma prática efetiva:

²¹ Alguns autores interpretam esta morte em sentido figurado, mas, segundo outros, ela deve ser interpretada seriamente, de acordo com a oposição entre vida (*nepheš*) e abismo (*Šeol*) (v. 14b). (WALTKE, 2005, p. 246, nota 24).

²² *Šeol* é a palavra hebraica que pode ser grafada como “Xeol” (*Bíblia de Jerusalém*) e traduzida como “Abismo” (*Bíblia do Peregrino*); “morada dos mortos” (*Bíblia Tradução Ecumênica*); ou “inferno” (*Bíblia Sagrada Almeida*).

A legislação mosaica reconhecia o caso desesperador do ‘filho rebelde’ (Dt 21,18-21), mas os rabinos foram rápidos em declarar que mesmo aqui o valor era admonitório e que tal perseguição de fato nunca ocorreu. (BT Sanhedrin 71a, *apud* PERRY, 1993, p. 109).

Os dois dísticos fazem parte da Coleção dos Sábios (Pr 22,17-24,22). Essa coleção possui paralelos bastante próximos com a sabedoria egípcia, de uma coletânea conhecida como *Provérbios de Amenemope* com “trinta ditos”, conforme referido em Pr 22,20.²³

Esses e outros textos do Antigo Oriente Médio influenciaram esses ditos proverbiais, como se evidencia na comparação, que chega a ser quase literal, como nesse caso. Tal influência é reconhecida praticamente como consenso, na pesquisa bíblica.²⁴

Outra coleção, conhecida como *Provérbios de Ahiqar*, afirma:²⁵

*Não guardes teu filho da vara,
Se não fores capaz de salvá-lo [da maldade].
Se te bater, meu filho, tu não morrerás.
E se eu te deixar ao teu próprio coração,
[tu não viverás].
(Provérbios de Ahiqar, 81-82, 1.1.176-77, apud FOX, 2009, p. 734).*

A *Instrução do Papiro Insinger*²⁶ (9:9), do Egito, declara: “Um filho não morre por ser punido por seu pai” (*apud* WALTKE, 2005, p. 251, nota 46).

“Da mesma forma, o mesopotâmico Deus Sol Shamash pune os malfeitores com uma vara”. (HESKETT, 2001, p. 182).

²³ *Provérbios de Amenemope* é uma coletânea encontrada no Egito, data de 1186-1069 a.C. (WALTKE, 2004, p. 22).

²⁴ Os diversos comentários destacam essa influência, como Waltke (2004, p. 21-24); e a *Bíblia de Jerusalém* o reconhece (2002, nota “b” a Pr 22,20).

²⁵ *Provérbios de Ahiqar* é uma coleção de ditos atribuídos a este sábio, encontrados num papiro aramaico do século VI a.C., nas ruínas de Elefantina, no Egito. Fox cita a partir da tradução alemã de Lindenberger.

²⁶ O texto está escrito em demótico e foi datado entre o ano zero e 100, durante o período grego e o período romano e foi encontrado em Luxor. Contém 25 capítulos, na maioria máximas (FOX, 2006, p. 428).

4 “Vara e repressão darão sabedoria” (Pr 29,15)

Na segunda coleção salomônica (25,1-29-27), o capítulo 29 mistura provérbios de ordem social, sobre governo justo em contraste com ímpio, com provérbios de ordem familiar, como este ora comentado, sobre a relação entre disciplina e sabedoria. Na sequência, portanto, passa da administração do Estado, pelo governante justo que defende o direito dos fracos (v. 14) para o âmbito da casa de família. Seguindo esse contexto, encontra-se o provérbio que recomenda vara e repressão como caminho para a sabedoria.

*Vara e repressão²⁷ darão sabedoria,
mas um menino indisciplinado²⁸ envergonha sua mãe (Pr 29,15).*

Na mesma sequência, faz par com outro dito, que não possui a palavra vara, mas reafirma a importância da disciplina. Entre ambos, um provérbio joga sobre a sorte de ímpios e justos, uma polêmica central ao longo de todo o livro. Enquanto o anterior acentuava o aspecto negativo da vergonha por falta de disciplina, o que segue afirma o lado positivo das delícias pelo filho disciplinado. O primeiro é um provérbio de constatação, o segundo, com imperativo, é de ordem.

*Disciplina o teu filho e ele te fará descansar,
e ele dará delícias para a tua vida (Pr 29,17).*

Ambos primam pela forma poética que rima o pensamento, o primeiro em paralelismo antitético e o segundo em paralelismo sinonímico. Quer dizer que em ambos se justapõem os tópicos de causa e consequência para cada ação (WALTKE, 2005, p. 442). Na estrutura geral do capítulo 29, os versículos 3 a 15 formam uma subunidade, com palavras-chave que caracterizam inclusões. Nos dois extremos estão as palavras pai e mãe. “Quem ama a sabedoria alegra o pai” (Pr 29,3a) forma

²⁷ Vara e repressão (*šébet w^etôkahat*) “poderia ser visto como uma hendíadis, significando ‘uma vara de correção’ (assim NIV), mas, a julgar de 26,3-5, é melhor considerá-los como compostos de disciplina severa, ou seja, punição física e uma razoável reprimenda verbal” (WALTKE, 2005, p. 442).

²⁸ Indisciplinado (*m^ešulah*) pual da raiz *šlh*, que significa, em qal, soltar, deixar livre, enviar. Nesse caso, refere-se ao jovem “deixado por conta própria”. As traduções variam entre “deixado a si mesmo” (*Bíblia de Jerusalém* e *Bíblia Tradução Ecumênica*), “entregue a si mesma” (*Bíblia Sagrada Almeida*), “mimado” (*Bíblia do Peregrino*). Explicação detalhada em Waltke (2005, p. 442, nota 194).

inclusão com “Mas um menino indisciplinado envergonha sua mãe” (Pr 29,15). (WALTKE, 2005, p. 430-442).

Portanto, Pr 29,3 cita apenas o pai, enquanto 29,15 menciona somente a mãe. Este é o único provérbio que menciona somente a mãe. O esquema familiar pai, mãe e filho pode ser completado por 29,17 “disciplina teu filho”. Este último tem em vista justamente o amadurecimento do filho.

O paralelismo antitético entre o filho sábio que alegra a mãe e o insensato que entristece o pai, aparece em Pr 10,1; 15,20. Já em paralelismo sinonímico, entre o filho insensato que preocupa o pai e amarga a mãe, encontra-se em Pr 17,25 e entre o filho insensato que é calamidade para o pai e a mulher queixosa em Pr 19,13. Conselho para ouvir o pai e honrar a mãe em Pr 23,22, além de outros.

Os dois provérbios reafirmam o paradoxo segundo o qual a vara da disciplina traz alegria aos pais (Pr 29,17) e a sua ausência é causa de vergonha (Pr 29,15).

Conclusões

No antigo Israel, como em todo o Antigo Oriente Médio, o uso da vara fazia parte do método educativo. “O uso da vara é considerado um método salutar e até um modo de mostrar amor. O rigor disciplinar não era visto como incompatível com o amor pelos filhos” (GARMUS, 2005, p. 39). Essa pedagogia do amor está expressa no primeiro provérbio analisado, com o paradoxo entre ódio como consequência de poupar a vara, e amor como resultado da disciplina (Pr 13,24).

O primeiro dístico analisado (Pr 13,24) expõe, ainda, um paralelo entre a vara, como castigo físico, e a disciplina, como correção verbal. O uso da vara é referido de maneira negativa, enquanto a aplicação da disciplina é expressão de amor. Observa-se, pois, uma gradação progressiva entre poupar a vara e valorizar a disciplina. O objetivo último não é o castigo físico, mas a atitude disciplinar formativa, com ternura e com amor. O amor e a ternura começam cedo, pelo

processo disciplinar. Até Deus disciplina quem ele ama (Pr 3,12). “A tônica do discurso bíblico do recurso à vara não é de violência, mas de cuidado amoroso” (TORRES, 2012, p. 35). Provérbios insiste na ternura. Basta observar o exemplo do pai que trata o filho carinhosamente em Pr 4,1-9 (KIDNER, 1982, p. 49-50, 101; WALTKE, 2005, p. 252). “Punição, no entanto, nunca deve ser equiparada à disciplina. A verdadeira disciplina ensina as crianças a viver vidas ricas e plenas. Treinamento e instrução devem ser nosso objetivo, não punição”. (HESKETT, 2001, p. 183).

O segundo provérbio comentado recomenda começar a disciplina da criança desde cedo (Pr 22,15) e os demais repercutem a mesma convicção. A vara está, normalmente, associada à disciplina. Esse segundo provérbio estabelece exatamente esta conexão, pela expressão “vara de disciplina” (Pr 22,15). O projeto pedagógico sapiencial visa a disciplina, não necessariamente a prática externa do castigo. Vara e disciplina não são equivalentes. A vara necessária, segundo os ditos analisados, é a da disciplina, não a vara física. Qualquer discussão sobre o tipo de castigo a ser aplicado foge ao objetivo dos textos bíblicos.

A palavra disciplina (*mûsar*) cobre uma ampla gama de significados, que vão desde “instrução” até “espancamento” (WEGNER, 2005, p. 728). O artigo de Wegner distingue oito níveis de disciplina, desde o incentivo ao bom comportamento até a possibilidade da morte social.

A disciplina, entretanto, não tem finalidade em si mesma. A disciplina é expressão do amor (Pr 13,24); afasta da insensatez (Pr 22,15); salva da morte (Pr 23,13.14); dá sabedoria e evita vergonha (Pr 29,15). Trata-se de um projeto bem sucedido de educação, conforme a proposta do sábio, em contraste com o projeto fracassado do estulto insensato.

Esse projeto pedagógico sapiencial, de qualquer forma, deve ser interpretado no seu contexto histórico e social. Trata-se de uma prática coerente com um modelo pedagógico e social mais abrangente, que compreende família patriarcal, com autoridade predominante do pai; sociedade classista, baseada na agricultura;

pobreza e opressão, consequência de dominadores; ensino oral, com grande número de pessoas iletradas. (DOBBERAHN, 1991, p. 46-37).

Com relação ao uso da vara na educação das crianças, é necessária a devida hermenêutica, isto é, a interpretação que leve em conta o contexto pedagógico original, a estrutura familiar de então, bem como as motivações daqueles mestres de sabedoria. Cada provérbio deve ser lido, interpretado e aplicado a partir do seu contexto cultural. Assim, há outras práticas que exigem interpretação adequada, como apedrejar pessoas, negar cidadania às mulheres, praticar a poligamia, proibir tocar cadáveres, diferenciar pureza e impureza, exercer governo monárquico, defecar no chão e tantas outras práticas.

REFERÊNCIAS

- ALONSO SCHÖKEL, Luis. **Dicionário bíblico hebraico-português**. São Paulo: Paulus, 2004.
- ALONSO SCHÖKEL, Luis; VÍLCHEZ LÍNDEZ, José. **Provérbios**. Madrid: Cristiandad, 1984.
- BÍBLIA DE JERUSALÉM. GORGULHO, Gilberto da Silva; STORNILO, Ivo; ANDERSON, Ana Flora Anderson (coord.). São Paulo: Paulus, 2002.
- Bíblia do Peregrino**. ALONSO SCHÖKEL, Luís (ed.). São Paulo: Paulus, 2002.
- Bíblia Sagrada Almeida**. Tradução de João Ferreira de Almeida. Revista e atualizada. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993.
- Bíblia Tradução Ecumênica**. KONINGS, Johan (ed.). São Paulo: Loyola, 1994.
- CLIFFORD, Richard J. **Proverbs: a commentary**. Louisville: Westminster John Knox Press, 1999. (The Old Testament Library).
- Colóquio paremiologia**. 12º Colóquio Interdisciplinar sobre Provérbios 2018. Disponível em: www.colloquium-proverbs.org. Acesso em: 10 jan. 2019.
- CRB (Conferência dos Religiosos do Brasil). **Sabedoria e poesia do povo de Deus**. São Paulo: CRB; Loyola, 1993. (Tua Palavra é Vida, 4).
- D'HAMONVILLE, David-Marc. **La Bible d'Alexandrie LXX: Les Proverbes**. Paris: Cerf, 2000. 17 v.

- DOBBERAHN, Friedrich Erich. **Educação bancária ou libertadora?** Educação e pedagogia no Antigo Testamento. São Leopoldo: EST, 1991.
- FOX, Michael V. **Proverbs 10-31**. London: Yale, 2009. (The Anchor Bible, 18B).
- FOX, Michael V. **Proverbs 1-9**. London: Yale, 2006. (The Anchor Bible, 18A).
- GARMUS, Ludovico. Educação dos filhos nos livros sapienciais. **Estudos Bíblicos**, Petrópolis, n. 85, p. 30-43, 2005.
- HESKETT, Randall J. Proverbs 23:13-14. **Interpretation**, Richmond, v. 55, n. 2, p. 182-184. abril. 2001.
- KETTERER, Eliane; REMAUD, Michel. **O midraxe**. São Paulo: Paulus, 1996 (Documentos do Mundo da Bíblia, 9).
- KIDNER, Derek. **Provérbios**. Introdução e comentário. São Paulo: Vida Nova, 1982.
- KIRST, Nelson *et al.* **Dicionário Hebraico-Português & Aramaico-Português**. São Leopoldo; Petrópolis: Sinodal; Vozes, 1989.
- KITTEL, Rudolf (ed.). **Biblia Hebraica Stuttgartensia**. Editio quarta emendata opera H. P. Rüger. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 1997.
- Lei da Palmada**. Lei 13.010/2014. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2014/Lei/L13010.htm. Acesso em: 04 jan. 2019.
- MORLA ASENSIO, Víctor. **Proverbios**. Urduliz: Desclée De Brouwer, 2011.
- MOSS, Alan. **Proverbs**. Sheffield: Sheffield Phoenix Press, 2015.
- PERDUE, Leo G. **Proverbi**. Torino: Claudiana, 2011.
- PERRY, Theodore Anthony. **Wisdom Literature and the Structure of Proverbs**. Pennsylvania: The Pennsylvania State University, 1993.
- RIVALCIR, Liberato. **Provérbios, filhos**. Sem local: sem data. Disponível em: <http://www.rivalcir.com.br/proverbios/filhos.html>. Acesso em: 02 jan. 2019.
- SAEBO, Magne. *Ysr*, corrigir, castigar. In : JENNI, E.; WESTERMANN, C. (ed.). **Diccionario Teológico Manual del Antiguo Testamento**. Madrid: Cristiandad, 1978. v. 1, col. 1016-1021.
- SILVA, Sandro Pontes. **Sabedoria para aprender e ensinar: estudo no livro de Provérbios sobre os conceitos de educação dos filhos**. 2013. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) - Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2013. Disponível em: <http://tede2.pucgoias.edu.br:8080/handle/tede/861>. Acesso em: 02 de janeiro de 2019.

SILVA, Valmor da. **O caminho da justiça na sabedoria dos provérbios**. São Paulo: Paulus, 2018. (Coleção Temas Bíblicos).

SNELL, Daniel C. **Twice-Told Proverbs and the Composition of the Book of Proverbs**. Winona Lake: Eisenbrauns, 1993.

TORRES, Milton Luiz. A vara como instrumento de disciplina. **Protestantismo em Revista**, São Leopoldo, v. 29, p. 32-35, set/dez. 2012.

WAARD, Jan de (ed.). **Bíblia Hebraica. Proverbs**. Bíblia Hebraica Quinta, Facsimile 17. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 2008.

WALTKE, Bruce K. **Shebet**. In: HARRIS, R. Laird; ARCHER Jr., Gleason, L.; WALTKE, Bruce K. (org.). **Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 1998. p. 1511-2.

WALTKE, Bruce K. **The Book of Proverbs**. Chapters 1-15. Michigan: Eerdmans, 2004.

WALTKE, Bruce K. **The Book of Proverbs**. Chapters 15-31. Michigan: Eerdmans, 2005.

WEGNER, Paul D. Discipline in the Book of Proverbs: “To Spank or not to Spank?” **Journal of the Evangelical Theological Society**, Chicago, v. 48, n. 4, p. 715-32. dez. 2005.

WHYBRAY, R. N. **The book of Proverbs**. Cambridge: At the University Press, 1972. (The Cambridge Bible Commentary).

WILLIAMS, James G. **Those Who Ponder Proverbs**: Aphoristic Thinking and Biblical Literature. Sheffield: The Almond Press, 1981. (Bible and Literature Series, 2).

WRIGHT, J. Robert (org.). **Proverbi, Qoèlet, Cantico dei Cantici**. Roma: Città Nuova, 2007. (La Bibbia Comentata dai Padri, Antico Testamento, 8).

ZOBEL, H.-J. *šebet* rod, staff; tribe. In: BOTTERWECK, G. Johannes; RINGGREN, Helmer (org.). **Theological Dictionary of the Old Testament**. Vol. XIV. Cambridge: Eerdmans, 2004. p. 302-311.